

**A função paterna não aprisionada de um pai na prisão e o afeto  
suficientemente bom de uma mãe que não podia cuidar.**

***Dircinei Cristina Delfalque Marcondes<sup>1</sup>***

***Giovana da Silva Tavares Enes<sup>2</sup>***

*Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história.*

*Hannah Arendt*

***Para Denis***

Denis tinha 10 anos quando o tomei em atendimento no primeiro semestre de 2011. Eu era então aluna do sétimo semestre do curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Americana (FAM), e cumpria o estágio básico na clínica da faculdade (SAPSi) sob supervisão da psicóloga e professora Giovana da Silva Tavares Enes.

Denis era o primeiro filho de Américo e Alda, e tinha uma irmã mais nova, Gracinha, de cinco anos. Seus pais estavam envolvidos com substâncias psicoativas desde a adolescência. Em decorrência disso, seu pai estava preso e sua mãe, embora bastante afetiva, não tinha condições de oferecer cuidados que pudessem assegurar a proteção que na infância necessitam as crianças. Nesse mesmo momento de sua entrada em psicoterapia, Denis deixava a casa de sua mãe e junto com a irmã passava a residir com sua avó paterna, Sr<sup>a</sup>. Íris e sua bisavó Sr<sup>a</sup>. Argelina.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 5º ano de Psicologia da Faculdade de Americana (FAM). Ex-aluna, Membro do Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto SEDES Sapientiae.

<sup>2</sup> Psicóloga, Mestre, Docente e Supervisora de Estágio do Curso de Psicologia da Faculdade de Americana (FAM).

No encaminhamento ao SAPSi, a queixa principal estava em torno de sua aprendizagem: encontrava-se alfabetizado, mas com dificuldade em seguir aprendendo e seu desempenho era considerado fraco, incompatível com sua série escolar.

[...] quando falha o que viria dar consistência à estrutura, o sujeito cria recursos na tentativa de fazer enodamento dos registros imaginário, simbólico e real. Assim, tanto o sintoma quanto a inibição e a angústia operam como uma 'gambiarra' para manter uma certa amarração da estrutura [...] As fantasias inconscientes invadindo o "eu" fazem com que ele renuncie, pela via da inibição, a algumas funções. [...] algumas inibições, representam o abandono de uma função porque sua prática produziria angústia. (FREUD apud FERREIRA, 2000, p. 56).

A história de Denis até aquele momento era de grande vulnerabilidade, em função do contexto familiar. Ele e sua irmã viviam com a mãe num quarto de uma casa que era dividida com a família de uma tia materna. Nesta casa havia outras crianças: seus primos. Essa residência era única herança dos pais de Alda, ela e sua irmã se apropriaram da casa com seus respectivos companheiros e filhos até que o pai de Denis fora preso. Alda continuou residindo com Denis e Gracinha no mesmo lugar. As crianças passavam alguns finais de semana com a avó Íris, retornando durante a semana para a casa materna. Nesse tempo Alda, fazia uso recorrente de drogas.

Para sustentar os filhos, arrumava trabalhos temporários e informais, como olhar carros na rua. Seus filhos, desde bebês, a acompanhavam na vida ganha pelas ruas. Contou-me em entrevista de pais, *“que levava mesmo as crianças com ela quando olhava carros em frente a uma boutique”, mas “que as moças dessa loja ajudavam com as crianças, permitindo que ela deixasse o carrinho dos bebês em frente ao estabelecimento”* – que, segundo ela, era um lugar coberto que protegia as crianças de sol e chuva.

Tânia Ferreira nos lembra a importância da casa, enquanto espaço que preserva a intimidade das relações na constituição da subjetividade, além de ser o lugar onde o sujeito vai alojando suas coisas, objetos externos muito pessoais que tem ligação com sua singularidade.

A vida começa bem fechada, protegida, agasalhada na casa, que é por ele considerada um berço. Nesse espaço, vivem os seres protetores, daí a maternidade da casa. Ali também reside à casa das coisas: os armários, as gavetas, os cofres. A casa é um aglomerado de imagens que nos fornecem a ilusão de estabilidade. É também o espaço de nossas solidões, onde vivemos nossos silêncios e onde nossas lembranças são guardadas. (FERREIRA, 2000, p. 33).

Alda declarava seu amor pelos filhos nas entrevistas que fiz com ela, falava também de sua dificuldade em tratar-se em função das drogas e de seu desejo de ser boa mãe. Ela tentava cuidar das crianças, mas se desorganizava muito em função do uso recorrente de drogas. Vivia também sem rotina organizada e isso comprometia de forma determinante o percurso de desenvolvimento das crianças, que eram privadas principalmente da constância de seus cuidados. Não havia horário estabelecido para as atividades diárias básicas, como alimentar-se, tomar banho, dormir e freqüentar a escola.

Alda negou uso de drogas na gravidez de Denis, o que confirmou em relação à gestação da irmã dele, mas Denis apresentou alguns episódios de convulsão durante o primeiro ano de vida, que não permaneceram com o passar do tempo e tratamento médico. Ela ainda afirmava emocionada nas entrevistas, que podia ter faltado algumas coisas, mas que amor nunca faltou para seus filhos. Ela apresentava profundo sofrimento e culpa por não conseguir cuidar dos filhos e a culpa não aparece quando não se ama. Esse afeto, embora ela não tenha conseguido cuidar, foi suficientemente bom.

Denis era uma criança cujo Ego estava integrado, e nós aprendemos com Winnicott que isso só é possível quando a mãe encontra formas de adaptar-se às necessidades do bebê do estágio inicial. É o afeto suficientemente bom que emerge desse encontro mãe-bebê que proporciona à mãe a capacidade de significar os sinais primitivos que o bebê lhe endereça.

[...] O melhor que uma mulher real pode fazer com um bebê é ser suficientemente boa de uma forma sensível inicialmente, de modo que a ilusão para ele torne-se algo possível desde o início. Essa mãe suficientemente-bom também é 'um seio bom'. (ABRAN apud WINNICOTT in letter to ROGER MONEY-KYRLE, p.38).

Nos encontros de Alda com as crianças no SAPSi, todos se emocionavam com as cenas protagonizadas por eles, que se abraçavam e faziam declarações de

saudades e amor. Fiz algumas tentativas de encaminhamento de Alda para tratamento que nunca tiveram sucesso. Ela própria tentou, se internou uma vez, mas a clínica era particular e custava caro, por isso não foi possível que o tratamento acontecesse.

No meu entender, Américo, da prisão, exercia o papel de pai e marido, como nos ensinou Lacan (1995), *função de Lei* na família, por isso pediu a sua mãe que fosse buscar Alda na clínica, por concluir que não teriam condições financeiras de mantê-la naquele lugar. Foi a última tentativa a qual tive informação, de que ela havia iniciado um tratamento para lidar com sua compulsão pelas drogas. Alda procurava por mim com recorrência no SAPSi, me telefonava e se deslocava até lá.

Em uma das supervisões do caso, coloquei minha angústia em relação às tentativas sem sucesso de encaminhá-la para tratamento. Minha supervisora chamou atenção para o fato de que era de Denis que eu deveria me ocupar em psicoterapia, e não de sua mãe. Além de me lembrar de que a guarda da criança encontrava-se, naquele momento, com sua avó, que era ela o adulto encarregado dos cuidados da criança, e que, portanto, era a avó que precisava de minha escuta e orientação. Foi nessa supervisão que me dei conta de que deveria colocar um limite nos meus encontros com Alda. Refletimos, eu e minha supervisora, que talvez aspectos de minha transferência com a mãe de Denis pudessem comprometer meu trabalho com a criança.

Essa intervenção teve um efeito dinâmico e muito significativo nas relações que se estabeleciam nesse contexto que envolvia a psicoterapia de Denis, sua mãe e sua avó paterna. Alda circulava sem tempo e sem aviso pela vida das crianças, era como podia fazer. Na entrevista seguinte a essa supervisão, coloquei para Alda limites bastante claros para nosso contato. Essa conduta parece ter efeito significativo de interdito – ela passou a telefonar para combinar com a avó das crianças as visitas que fazia. Voltou a me procurar mais uma vez, mas agendou horário.

Sobre o pai, o próprio Denis, e sua avó paterna, traziam-me notícias. Denis relatava nas sessões seus encontros com o pai na prisão. Quase sempre faziam todos juntos as visitas, Denis, sua irmã e sua mãe. Ele me contava “*que jogavam dominó todos juntos e que seu pai era um campeão*”. Foi com ele que aprendeu o jogo. Trazia também os momentos desse encontro que lhe suscitavam angústia.

Seu pai trabalhava na prisão e enviava o dinheiro que conseguia para a avó de Denis, o que demonstrava que mesmo preso, se preocupava em prover a casa de seus filhos. Um investimento que tem seu valor e conteúdo simbólico – ele exercia a função paterna enviando recursos que eram importantes para o sustento das crianças. Esse investimento era para além do recurso financeiro. Américo sempre telefonava para saber como estavam seus filhos e falava diretamente com Denis, que me contava em sessão as suas conversas por telefone com seu pai. Denis tinha que lhe informar sobre seu desempenho na escola além de outras coisas.

Foi principalmente a psicanálise que nos revelou o quanto é fundamental e determinante para o desenvolvimento das crianças a função do casal parental.

[...] estas primeiras identificações efetuadas na primeira infância serão, para Freud, duradouras e isto o conduz à origem do superego. Por traz dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação ao pai em sua própria história pessoal. (FERREIRA, 2000, p. 36)

A brusca separação dessas figuras primordiais pode causar sérios danos psíquicos, dependendo também de algumas variáveis que precisamos considerar nessa análise. Uma delas é a idade da criança no momento da separação; a outra, bastante importante, será relativa aos adultos que vão assumir seus cuidados durante o período da separação. Uma terceira será como pai e mãe se posicionam nesse período, no sentido de como ambos podem lidar com a separação de seus filhos. Consideramos que essas três variáveis podem ser determinantes para o destino da separação na tarefa mental da criança que vive a experiência, incluindo se essa separação se configurará em ruptura.

Essa tarefa mental da criança de lidar com a separação daqueles que representam seus vínculos primordiais é extremamente exigente – o vínculo com o casal parental é reconhecido na psicanálise pela fundamental importância na sustentação do percurso que essa criança vai trilhar em seu desenvolvimento, de constituição enquanto sujeito que vai, com a ajuda principalmente da mãe, descobrindo o mundo e a si mesmo, ao mesmo tempo e com ela aprendendo a lidar com a angústia provocada por sua ausência, pelo aparecimento de outras faces que

não são as dela. É o desejo (e o investimento libidinal) de seus primeiros objetos de amor, seus pais, que vai assegurando ao bebê esse estatuto de sujeito.

[...] mesmo quando as condições de vida são corretas (material e afetivamente), a insegurança quanto ao amanhã torna impossível um desenvolvimento harmonioso e é fonte de constante angústia, de desespero, de raiva impotente. (ELIACHE, 1995, p. 119)

A idade da criança importa nesse processo, já que quanto mais precoce se dá a separação, menos aparato mental possui para lidar com o evento, menos recursos psíquicos para elaboração da angústia que a separação suscita.

A estrutura e integração do Ego de um sujeito adulto determina sua capacidade de lidar com o luto que sua história de vida lhe reserva, enquanto que para a criança, passar pelo luto sem contar com o apoio de adultos que sejam capazes de lhe devolver a angústia nomeada, pode ser aterrorizante de tal forma que seu Ego se desintegre.

Portanto, o sofrimento dos adultos, que vivem junto com a criança, no processo de separação nunca poderá ser maior que o dela. Seus pais não podem sucumbir a sua própria angústia e, caso isso aconteça, será grande o risco de fragilizarem intensamente a função de sustentarem a história da origem desse sujeito criança.

Lembro-me das primeiras sessões nas quais Denis e eu jogávamos dominó, um de seus jogos preferidos. Contava-me durante o jogo de quando ele, sua irmã e sua mãe visitavam seu pai e jogavam dominó na prisão. Ele me descrevia nessas cenas, mais que momentos de sua família reunida, falava principalmente do encontro com seus pais. Portanto, se era na prisão que a família se reunia, era naquele lugar que se libertava a função da família enquanto espaço para elaboração psíquica.

Ao contar essas cenas, ele narrava sua história, falava de sua origem, de onde ele vinha e filho de quem era. Falava daquilo que era simbolicamente assegurado por seus pais e que a cadeia não aprisionava. Eu falava sobre isso com ele, atentando para o que ele me trazia na representação simbólica de jogar dominó comigo. Denis, de forma competente, beneficiava-se da transferência estabelecida. Eu – apoiada na psicanálise, na supervisão de minha prática no estágio - nomeava aquilo que ele trazia para a análise através de suas produções e na transferência

comigo, “[...] é o respeito – respeito pelo outro, que exige uma análise permanente da transferência.” (OURY, 2001, p. 15).

Lembro-me de lhe falar sobre o quanto parecia feliz nos dias de visita a seu pai na cadeia, junto com sua mãe e irmã. Mas que também me ocorria que ele devia ter sofrido muito quando teve que deixar de morar com seu pai, mãe e irmã. Na sessão seguinte, Denis trouxe um sonho “*em que se via sozinho em um barco no meio do mar e tudo estava escuro*”.

Era a angústia da separação encontrando caminhos para sua representação: podia aparecer no sonho, mas precisava ser interpretada. Falei que ele parecia temer não voltar a morar com seus pais, falei do desamparado que precisava ser nomeado para deixar de ser tão aterrorizante “*como estar perdido sozinho no meio do mar na escuridão*”.

[...] afinal não se pode fazer de conta que não houve separação, [...] não será então preferível que o luto aconteça onde se deve, ao lado de pessoas que possam assegurar uma assistência de qualidade e, sobretudo, que coloquem em palavras o que a criança vai viver ou sentir [...]. (ELIACHE 1995, p. 120-121)

Durante as 19 sessões que tivemos, Denis se beneficiou do que encontrava no *setting*, colocando-se em atividade lúdica, sem apatia ou resistência, beneficiava-se do jogo integrando-o à verbalização de sentimentos que a fantasia suscitava. Angústias, culpa, ansiedade e a realidade de sua vida que foi colocando à prova sua estrutura egóica. Fazia de seu brincar uma via de representação das “fantasias em relação a uma definitiva ruptura da vida com os pais”: Afinal de que se trata o brincar no *setting*, se não uma verdadeira ponte para a representação e comunicação dos conflitos internos e dos ambivalentes sentimentos suscitados por aquilo que ainda não se pode compreender?

O *brincar* se constitui como o instrumento fundamental na análise de crianças e é esse instrumento que sustenta a interação no *setting* entre a criança e o analista. A atuação do analista de crianças implica em uma atenção e atitude lúdica, disponibilidade para o *brincar*, pois é essa sua principal via de intervenção. A intervenção na análise com crianças contempla a interpretação, que estará vinculada a toda produção e atuação da criança. E ainda a forma como o analista vai participando do jogo e organizando o *setting*.

Na análise de crianças, o analista não utiliza apenas interpretações verbais. Em algumas situações clínicas, consideramos mais adequado usar o termo interpretação, pois contém um número maior de possibilidades daquilo que se passa entre o analista e a criança. O tipo de material que se oferece na sessão, por exemplo, não é uma intervenção? (AVELLAR, 2004, p. 18)

Relações “embaralhadas” (*fala de Denis*), estão em curso na vida de uma criança que procura psicoterapia. Se ela precisou de um psicólogo, algum aspecto de seu contexto de vida, de sua história, principalmente aqueles experimentados e compartilhados com seus pais, encontrava-se naquele momento, ao menos, fragilizados.

No caso de Denis, observamos a realidade externa, a desorganização da vida de (e com) seus pais, provocando sua fragilização, seus medos, ansiedades, culpa e angústias. E a relação com seus pais sustentando-o na separação implicada pelas circunstâncias, ainda que se tratasse de circunstâncias que implicavam a conduta de vida de ambos os genitores. O investimento afetivo de seus pais oferecia catexias suficientes para a plasticidade e maturidade egóica de Denis, evidenciadas em sua capacidade de tolerar frustração e um amplo repertório em sua capacidade de simbolização, que aparecia na riqueza de sua expressão via verbalização, jogo, desenhos e investimento na psicoterapia.

Mas é evidente que a separação imposta provocou angústia, representada, principalmente, na apatia e inibição na produção escolar, e foi preciso tratar em psicoterapia. Mas a intervenção acontecia na medida em que Denis podia.

[...] Em nosso trabalho, acreditamos que na sessão o analista espera a criança fazer um movimento e solicitar interlocução. As intervenções e interpretações do analista são oferecidas para que se abra um campo de experiência no espaço analítico, preservando a capacidade criativa da criança e tendo cautela para não interromper seu jogo com interpretações inoportunas. (AVELLAR, 2004, p. 51)

Esse sempre será um diálogo singular e delicado, o que é estabelecido entre nós, psicólogos e aqueles que nos procuram em sofrimento. A delicadeza da relação, ao meu ver, encontra-se principalmente no fato de que se trata do encontro de inconscientes. Portanto é preciso que o psicólogo assuma um compromisso ético de tratar de seus próprios conteúdos inconscientes em terapia.



Trata-se de cuidar de si para que seja possível assumir com o devido cuidado a psicoterapia de outros. Não acredito na prática da psicoterapia sem que o profissional se comprometa com seu processo de análise pessoal e supervisão. Considero que a prática sem esse compromisso do profissional pode se configurar um risco para ambos, mas principalmente para aquele que se encontra na posição de paciente, cliente ou analisando.

É também preciso ressaltar que só pode assumir esse trabalho o sujeito que assume não só aquilo que sabe sobre a técnica que sustenta a prática, mas também e principalmente, o seu não saber. São as boas perguntas que sustentam nosso trabalho enquanto psicólogos e não as antecipadas respostas.

Ao final da psicoterapia, Denis seguia sua vida na escola com bom desempenho e contava com o carinho de sua professora que, na virada do ano, convenceu a diretora de que Denis ainda precisava dela. O que ele me falou com muita satisfação: *“vou continuar com a minha professora”*.

No início do primeiro semestre de 2012, Américo, pai de Denis, encerrou sua pena na prisão. Américo voltou para a casa materna, voltou a residir com os filhos. Denis me contou com muita alegria *“que o pai tinha voltado para casa”*. Chamou-me atenção essa frase, porque ele sempre se referia ao lugar onde estava morando *“como a casa da avó Íris”*. Afinal, na infância a casa de uma criança é a casa de seus pais.

Nesse mesmo período, Américo participou da última sessão com Denis. Ainda me recordo da emoção dos dois, pai e filho juntos, falando um do outro, do afeto de um pelo outro. Lembrei-me das sessões nas quais Denis desenhava *“sempre juntando dois ou três”*.

Comuniquei a alta ao pai, Denis já sabia que se tratava do encerramento de nossos encontros na clínica. Despediu-se nessa sessão com uma produção muito significativa, um desenho que trocou com seu pai. Américo lhe deu de presente o desenho de uma casa, a casa deles. Denis lhe deu de presente um coração bem grande, do tamanho de seu afeto e de sua coragem. Coragem com que enfrentou essa separação.

Finalizando esses escritos, agradeço à psicóloga Roberta L. Medeiros, coordenadora da Clínica de Psicologia da Faculdade, por ter me confiado Denis em psicoterapia.; à minha supervisora, Giovana da Silva Tavares Enes, pela fundamental escuta de minha (in)experiência clínica enquanto aluna; à minha

psicanalista, pela escuta sincera.; e especialmente, a Denis, cuja história de vida faz parte do meu percurso de formação em psicologia, dessa história de me tornar psicóloga.

*Para continuar a conversa: [cris\\_marcondes21@hotmail.com](mailto:cris_marcondes21@hotmail.com)*

### **Referências Bibliográficas**

ABRAM, Jam. **Linguagem De Winnicott, A: Dicionário De Palavras E Expressões Utilizadas Por.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

AVELLAR, Luziane Zacche. **Jogando na análise de Crianças: Intervir-interpretar na abordagem Winnicottiana.** 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FERREIRA, Tânia. **Os meninos e a rua: uma interpelação à psicanálise.** 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DOR, Joel. **O Pai e sua Função em Psicanálise.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LACAM, Jacques. **O Seminário Livro IV: A relação de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MACEDO, Heitor O'Dwyer de. **Ana K ou a conjugação do corpo: história de uma análise.** 1ª ed. São Paulo: Via Lettera, 2001.

MANNONI, Maud. **A primeira entrevista em psicanálise.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2004.

ROSEMBERG, Ana Maria Sigal de. **O lugar dos pais na psicanálise de crianças.** 2ª ed. São Paulo: Escuta, 2002.